

A IDENTIDADE COMO ENTIDADE E O RETORNO DO PLATONISMO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

José Antônio Lucas Guimarães

RESUMO

No contexto da fragmentação das totalidades, ideologias e identidades, tem-se percebido o retorno do dualismo platônico com aparência do vivenciado na Idade Medieval. Pensa-se na identidade como uma entidade – ente autônomo – que se encontra limitado pelo corpo. Para uma superação dessa realidade, buscou-se no pensamento de Paul Ricoeur os elementos capazes de compreender a corporeidade, pessoalidade e identidade de forma a estabelecer condições para uma ética da solidariedade (intersubjetividade). Para atingir o objetivo de compreender do dualismo platônico na contemporaneidade e encontrar as condições para superá-lo, delimita-se a pesquisa, primeiramente, na verificação histórica do dualismo platônico e no pensamento de Paul Ricoeur (1997, 2014) com ênfase em sua abordagem sobre o “si-mesmo como outro”, que leva as condições para superação do dualismo, enfatizando a priorização do corpo (e não sua negação), a dialética entre corpo e identidade (e não um dualismo) e da compreensão da mediação do caráter para a construção da intersubjetividade (corporeidade). Conclui-se, dessas condições, que se o corpo for pensado como agente de solidariedade e a alteridade como fidelização à ética do bem comum, a superação da dualidade conduz a reflexão de si mesmo e do outro numa ética da solidariedade.

Palavras-chaves: Identidade, platonismo, intersubjetividade, pessoalidade.

INTRODUÇÃO

Forma-se um senso comum dentro dos debates sobre gênero e identidade que remete a uma possível existência de uma condição de independência que usa do corpo como casca. Convém salientar que a abordagem não se insere em questionamento quanto a própria

questão de gênero e nem da própria construção da identidade. O que se pretende é questionar o uso do dualismo platônico (corpo *versus* alma) em sua versão medieval de caráter religioso: castigar o corpo para libertar a alma: a alma como negação do corpo ou como algo ao lado dele. Considerando os aspectos próprios da cultura medieval, pode-se imaginar que a questão se dá como uma “possessão”: dominado pelo corpo (quando se trata da alma) ou preenchido pela alma (quando diz respeito ao corpo). Atualmente, emprega-se o termo identidade num sentido de entidade para afirmar a existência de uma condição de gênero e em outras questões práticas e éticas. O que é realizado em nome da diversidade e pluralidade tem uma base – o dualismo – que produz o contrário dessas buscas: individualismo, subjetividade alienante e passividade ética.

Dada essa situação, percebe-se a pertinência da abordagem. Ao se falar da questão da identidade, é necessário responder o que é o corpo e o que fazer com ele, bem como compreender seus limites como propriedade da identidade e como propriedade material. Sob à condição de um senso comum que se instala munido de pertinentes debates, a presente pesquisa se insere em singular contribuição.

Michel Foucault (1979, p. 146) já considerava que o corpo diz respeito a uma questão de poder: “O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...”. Utilizando-se do seu conceito sobre poder e de sua abordagem sobre o corpo como espaço de domesticação (docilidade) e de exercício de poder, pergunta-se como é possível compreender os mecanismos que favorecem a noção de identidade como entidade e o corpo como casca na presente construção da corporeidade no século XXI. A busca é um empreendimento para encontrar um caminho capaz de compreender o corpo como uma realidade social e, significativamente, como uma condição existencial e fenomenológica: o corpo como uma coisa que pensa a si mesmo como coisa. Isso nos leva a pensar que não existe uma simbiose fenomenológica.

Para cumprir o objetivo proposto, pretende-se analisar o pensamento de Paul Ricoeur (1997, 2014) sobre o corpo em busca de estabelecer caminhos que conduzam a superação da visão da identidade como entidade (dualismo platônico) em busca de uma

corporeidade dialética: o corpo como espaço da construção do diálogo.

1. A CONTEMPORANEIDADE E O RETORNO DO PLATONISMO

A questão do corpo já se formulava entre os filósofos gregos. É em Platão que se percebe uma dicotomia acentuada. No conceito do platonismo, o ser humano é formado de corpo e alma. Enquanto a alma é responsável pelo acesso ao *eidos* (a ideia ou forma - essência), o corpo é tido como entrave à jornada da alma ao mundo ideal. A alma no platonismo assume um aspecto de entidade: aquilo que mantém existência autônoma mesmo tendo que se obrigar a conviver, por determinado tempo, em estado de aprisionamento. Essa associação, segundo o platonismo, não seria uma simbiose permanente, mas circunstancial. Dada à temporalidade do corpo, a alma se encaminharia à sua condição essencial: a imortalidade.

O platonismo adentra a medievalidade através de Agostinho de Hipona. Como diz Abrão (1999, p. 99): “Agostinho situa-se na passagem do mundo grego-romano para a Idade Média, cujo valor preponderante é o cristianismo”. Em Agostinho, a alma é considerada como superior e o corpo como o espaço onde o pecado original age de forma a impedir o progresso da alma. Coube a Agostinho cristianizar o platonismo. Nessa fusão, mudam-se os conceitos, mas a ideia permanece. Agora a alma busca alcançar a verdade a partir da interiorização. Deus ilumina o íntimo da alma para que ela alcance a verdade. Quanto à imortalidade da alma e sua relação com o corpo, um progresso se faz em Agostinho. Por ser possuidor de uma alma imortal, o corpo também ganha imortalidade. O Cristianismo fundamenta-se, enfim, na ressurreição do corpo e não somente na imortalidade da alma. Tomás de Aquino, a partir do aristotelismo, considerava que a alma é a forma do corpo: aquele que vê o corpo pode imaginar como é a alma. Todavia, o tomismo não se impõe, mas prevalece o agostinianismo platônico.

Avançando mais um pouco, pode-se considerar que o indivíduo é gerado num mosteiro agostiniano e se emancipa ao estabelecer os limites do senso comum e da própria

consciência. Martinho Lutero, na Dieta de Worms em 1521, faz ecoar sua declaração: “Não posso retratar-me, nem me retratarei de qualquer coisa, pois não é justo nem seguro agir contra a consciência. Deus me ajude! Amém” (STORMS *apud* LUTERO, 2016). Essa é uma declaração que estabelece o nascimento do “sujeito-consciência”: o corpo é o espaço da consciência moral. O efeito dessa declaração somente será superado com Descartes e o nascimento do “sujeito-hermenêutico”. Como explica Elia (2010, p. 10):

Descartes inaugura assim o Cogito pela proposição que se tornou famosa: *Cogito, ergo sum*, a ser traduzida em português como Penso, logo sou, e não como se traduz costumeiramente: Penso, logo existo. [...] Pela primeira vez na filosofia, o discurso do saber se volta para o agente do saber, permitindo tomá-lo, ele próprio, como questão de saber.

Pela primeira vez não se tratava apenas de situar os seres, de pensá-los através de uma ontologia, de uma metafísica, mas de colocar em questão o próprio pensar sobre o ser, que se torna, assim, também pensável. O sujeito se desdobra, movimento pelo qual se coloca no ato de conhecer, é suposto a este ato, mas não mais como mero correlato do objeto conhecido.

Em Descartes, o corpo se insere no espaço onde habita a pensamento/reflexão. Agora a concepção do corpo é resultado da própria reflexão que se faz nele/dele. Esse pensar cartesiano não sugere um dualismo entre corpo/alma.

Do início da modernidade à contemporaneidade, estaciona-se numa necessidade da afirmação da identidade do indivíduo de forma a recolocá-lo na pós-fragmentação da experiência do totalitarismo político, ideológico e ontológico. Essa condição deslocou o indivíduo a um estado de negação de sua própria totalidade: sou o que não sou. É possível se apropriar da metáfora “do espelho, espelho meu”, da história infantil de Branca de Neve e os sete anões, para exemplificar essa condição: espelho, espelho meu, existe alguém mais belo em mim além do eu mesmo. A resposta é positiva. Aqui se encontra a questão da identidade. Por herança platônico-cristã, a diferença entre corpo e alma encontrava-se no campo do acesso à verdade, ou seja, aquilo que ligaria o indivíduo a uma experiência com a realidade realizadora. Agora, o embate faz-se em outra lógica. A identidade é questão de negação ou afirmação da moldura corporal: corpo social, corpo sexuado, corpo imaginário, etc. Pode-se sugerir que o corpo se encontra passível à hermenêutica do olhar, do erotismo, do

consumismo, etc. Essa situação se reveste mais propriamente de um platonismo de ausência cristã (tomista/aristotélica). O corpo como objeto e morada da alma e não mais elevado a um nível de imortalidade ou mesmo de ausência de algo. Para se assumir uma identidade, o corpo se torna objeto de transformação e anulação: para assumir uma identidade troca-se o sexo; para estabelecer vínculos com determinado grupo basta tatuar o corpo; para querer sair do corpo, dopa-o com drogas; e para assumir um estilo é necessário ter no corpo uma marca de grife. Terry Eagleton (1998, p. 57), ao tratar sobre as ilusões do pós-modernismo, coloca o “sujeito” como parte dessa ilusão:

O sujeito pós-moderno, diferentemente de seu ancestral cartesiano, é aquele cujo corpo se integra na sua identidade. De fato, de Bakhtin à Body Shop, de Lyotard às malhas de ginástica, o corpo se tornou uma das preocupações mais recorrentes do pensamento pós-moderno. Membros mutilados, troncos arqueados, corpos engalanados ou encarcerados, disciplinados ou ávidos: esse fenômeno se alastra nas livrarias, e vale a pena nos perguntarmos por quê.

Convém focar a questão da integração do corpo à identidade. No tomismo, o corpo é imagem da alma. Na pós-modernidade, ele se integra à identidade ou é levado a tal condição: o corpo deve ser a imagem da identidade. No entanto, configura um senso comum onde o dualismo platônico é determinante: a identidade é uma entidade no corpo em busca de emoldurá-lo conforme seus ditames. Em busca de refletir sobre caminhos possíveis para contornar tal condição, toma-se o pensamento de Paul Ricoeur como referencial à compreensão do corpo.

2. PAUL RICOEUR: O QUE É O QUEM É?

Paul Ricoeur, filósofo cristão e falecido em 1992, é um dos pensadores que marcou a filosofia no universo francês pós-guerra. No campo da teologia, deixou legado na área da hermenêutica vindo a se tornar referência no estudo da exegese bíblica. Não é por acaso que seus estudos caminham pela hermenêutica. Ricoeur era doutor em Letras, mas assumiu docência em Filosofia, em 1933. Herdeiro da fenomenologia de Husserl e do

existencialismo cristão, ele:

[...] estabeleceu uma ligação entre a fenomenologia e a análise contemporânea da linguagem através da teoria da metáfora, do mito e do modelo científico. Estudou e escreveu muito sobre a maneira como a realidade de uma pessoa é configurada por sua percepção de eventos no mundo. Mas, sobretudo sua filosofia moral encontrou poderoso eco no pensamento atual ao abrir a possibilidade de refletir e agir por si mesmo, ou mais exatamente, como diz o belo título de uma de suas grandes obras, “Si mesmo como um outro” (BINGEMER, 2005).

O pensamento de Paul Ricoeur pode ser definido como um desdobramento dos diversos aspectos do problema da ação e da responsabilidade. Assim, ele não se insere dentro de uma possível filosofia do sujeito, mas da filosofia do direito: “Pois o problema da alteridade e da pluralidade sempre esteve presente no direito e na filosofia política, graças às noções de dano feito ao outro e de justiça devida” (SAFLATE, 2005). Isso o conduz a trabalhar uma “intersubjetividade do sujeito” sem entrar numa “metafísica do sujeito”. Dessa forma, o sujeito não adquire uma identidade semelhante à entidade como a alma assumia no dualismo platônico.

Deve-se enfatizar que para Paul Ricoeur a hermenêutica é uma questão de semântica, bem como a busca por lidar com a subjetividade tendo como ponto de partida a máxima cartesiana: *Cogito, ergo sum* – “Cogito, logo sou”. A existência do eu (ego) torna-se objeto de investigação. Ela se dá numa condição de reflexão sobre ela própria. Não se pode afirmar que essa evidência se impõe com um “apenas”. A existência não se dá apenas na capacidade da reflexão. O pensamento não é a razão da existência, mas causada por ela. Por mais que se considere que Descartes quisesse afirmar o contrário, tem-se que pensar em que existência ele considera. Conhecimento e existência estão no centro da questão. Isso tudo como questão de racionalidade. Essa racionalidade ganha em Paul Ricoeur à dimensão de interpretação: leitura que se faz sobre si mesmo. A existência se insere num nível mais ontológico voltado ao indivíduo. O que interessa, então, é a consciência, isto é, aquilo que é objeto da fenomenologia. Como diz Botton (2013, p. 139): “A formulação ricoeuriana e o esboço de solução que ele apresenta abrem caminho para uma racionalidade capaz de oferecer um modelo epistêmico e de moralidade capazes de lidar de forma produtiva com as

contradições de uma cultura como a nossa”. Ou nas palavras de Oliveira (2012, p. 112):

Em Ricoeur, o sujeito é marcado pelas influências que recebe do meio onde vive; influências que o ego cogito não percebe por estar enclausurado. Criticando o solipsismo, Ricoeur procura definir o sujeito como aquele que se desvela na aplicação hermenêutica do “eu penso”, “eu posso”, “eu creio”, e abri-lo para o mundo. Ao abrir-se para o mundo, o “eu” enquanto pessoa identificada é o “quem” de uma ação, isto é, é alguém que age, alguém que tem o poder de agir com alguma intenção e, de acordo com o pensamento merleau-pontyano, intervir no mundo de forma comportamental.

Assim, surge em Paul Ricoeur à figura do “homem capaz” que exige “o delineamento da construção de uma fenomenologia hermenêutica da pessoa, que perfazem os quatro eixos: linguagem, ação, narração e vida ética” (CORÁ, 2010, p. 61). Tais momentos (eixos) diz respeito à própria constituição da pessoa como: falante, agente, narrador e responsável. Portanto, para a pergunta “o que é o quem é?” não é apenas uma pergunta, mas quatro perguntas em torno do quem: Quem fala? Quem age? Quem narra? Quem é o sujeito é o sujeito moral? As respostas são possíveis dentro de uma abordagem intersubjetiva dada por Paul Ricoeur.

3. CORPOREIDADE, IDENTIDADE E PESSOALIDADE EM PAUL RICOEUR: POR UMA INTERSUBJETIVIDADE DO SUJEITO

A construção da existência humana é uma questão hermenêutica. Oliveira (2012, p. 103-104) considera que:

Tomar consciência de meu corpo não é apenas saber o que posso alcançar com os braços, segurar com as mãos ou chutar com os pés; tomar consciência de meu corpo é ter conhecimento das ações realizadas pelo corpo. A consciência dessas ações no mundo faz com que o eu possa repensá-las, repensando a si mesmo e se efetivando cada vez mais como sujeito. Embora o sujeito ricoeuriano não se assemelhe ao ego, à consciência, ele é o “si” reflexivo da pessoa e este “si” se constitui por uma tarefa ética e hermenêutica; tarefa que não deixa de ser pragmática.

O ser humano não é apenas uma coisa entre as demais. Ele é uma coisa que interpreta o próprio corpo. Nisso, ele transcende o corporal rumo a corporeidade e afirma uma pessoalidade: autoconsciência capaz de designar uma referência singular do si: "...cujo conceito implica a noção de ser-no-mundo e mostra a condição de ser em relação. À pessoa é atribuída uma natureza corporal e uma identificação na qual o si se conhece quando toma posse de seus atos pela reflexão" (OLIVEIRA, 2012, p. 108-109). Para Ricoeur, o conceito de pessoa exige uma corporeidade e uma identidade. A pessoalidade encontra-se em relação com a corporeidade. No tocante à identidade, ela é a causa da individualização da pessoa. O entendimento dessa questão conduz Ricoeur a pensar em duas categorias para entender o corpo dentro da lógica da identidade e da pessoalidade: mesmidade (*idem*) e ipseidade (*ipse*). Se bem que essas categorias dizem respeito à identidade: a identidade-*idem* e a identidade-*ipse*. Para Ricoeur (1997, p. 424):

Dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: Quem fez tal ação? Quem é o seu agente, o seu autor? Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio. Mas qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justifica que se considere o sujeito da ação, assim designado por seu nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida, que se estende do nascimento à morte? A resposta só pode ser narrativa. Responder à questão "quem?", como o dissera energicamente Hannah Arendt, é contar a história de uma vida. A história narrada diz o quem da ação. A identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa.

Destarte, a identidade narrativa somente é possível a partir da condição da ipseidade. Sendo a mesmidade dada a substancialidade, ela se insere em permanências. Já a ipseidade, ao se referir a condição reflexiva, segundo Ricoeur (1997, p. 425):

...pode escapar ao dilema do Mesmo e do Outro, na medida em que sua identidade se baseia numa estrutura temporal conforme ao modelo de identidade dinâmica oriunda da composição poética de um texto narrativo. O si mesmo pode, assim, ser dito refigurado pela aplicação reflexiva das configurações narrativas. Ao contrário da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa construtiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida. O sujeito mostra-se, então, constituído ao mesmo tempo como leitor e como escritor de sua própria vida [...].

Dada essa questão, percebe-se que, segundo Paul Ricoeur, a identidade é uma

questão ética (intersubjetividade). Não se insere numa fuga, mas numa aceitação. Não é uma busca ontológica (o que sou?) e nem de adaptação (o que posso ser?). É uma determinação ética diante de sua própria existência para determinar a origem da prática. Não se busca a motivação (porque fiz isso?), mas a identificação (quem fez isso?). Percebe-se, assim, que a identidade não se assume no nível da aparência e nem do egocentrismo alienante (a construção de uma entidade para satisfação de desejos íntimos). Não é uma entidade - como consciência autônoma, mas afirmação diante da necessidade de responder existencialmente aos dilemas de pertinência ética (solidariedade). Para que isso ocorra, é necessário que se vivencie, como teoria e prática, a hermenêutica do si-mesmo. Propriamente, estar-se falando da ontologia do agir de Paul Ricouer, onde ele trabalha “o si-mesmo como outro” - nome que leva sua obra sobre a identidade pessoal (RICOUER, 2014). Nessa obra, ele estabelece a ligação entre a ontologia da identidade pessoal e a ética: a pergunta por “quem sou?” necessariamente é a pergunta pelo “como agir?”. Assim, o polo do *idem* e da *ipse* constituem a dialética presente na identidade, como esclarece Ricouer (2014, p. 118):

Minha hipótese é que a polaridade desses dois modelos de permanência da pessoa resulta do fato de a permanência do caráter expressar a sobreposição quase completa da problemática do *idem* e da do *ipse*, ao passo que a fidelidade a si mesmo no cumprimento da palavra dada marca o afastamento extremo entre a permanência do si e a do mesmo, comprovando plenamente, portanto, a irredutibilidade recíproca das duas problemáticas.

Considerando a temporalidade da identidade, para Paul Ricouer é o caráter e a palavra que se encontra em questão. Para ele, o caráter é o “conjunto das marcas distintivas que possibilitam reidentificar um indivíduo humano como sendo o mesmo” (RICOEUR, 2014, p. 118), isto é, expressão de mesmidade da pessoa em permanência no tempo. Como esclarece Ruggeri (2013, p. 74).

A dimensão do caráter marcaria assim a disposição de uma perspectiva finita pela qual cada ser humano tem acesso ao mundo, a valores e ideias – é o âmbito próprio da abertura de horizonte de cada um que se dá através de disposições avaliativas; o caráter significa, por fim, a dimensão de nossa identidade diante da qual

consentimos, já que não nos caberia mudá-la.

À noção de caráter, Paul Ricoeur elabora a noção de hábito: que serve de parâmetro temporal ao caráter, bem como de intervenção. O hábito tem sua pertinência porque atribui ao caráter sua condição narrativa. Quanto à intervenção do hábito no caráter, ela ocorre quando os hábitos vivenciados ao longo da vida recobrem as inovações práticas. Considera-se que tanto o caráter quanto o hábito (mesmo que não necessariamente) contribui para a formação no caráter do que Paul Ricoeur (2014, p. 122) chamou de “identidades adquiridas”: “...a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas identificações e valores, normas, ideais, modelos, heróis, nos quais a pessoa ou a comunidade se reconhecem”. Essas identificações adquiridas são responsáveis por conduzir a identidade ao polo da *ipse* através da fidelização: identificação e manutenção da confiança em ideias, pessoas e ética. Aqui o cumprimento da promessa torna-se em comprometimento.

4. “O SI-MESMO COMO OUTRO” RICOEURIANO E A SUPERAÇÃO DO DUALISMO

Ao afirmar “o si-mesmo como outro”, Paul Ricoeur nos conduz em possíveis condições para superar o processo de platonização do corpo (dicotomia entre corpo/identidade) em prol de uma dialética corpo/identidade.

A primeira condição diz respeito à prioridade ao corpo, pois ele satisfaz as condições no esquema espaço/temporal: “possuir um corpo é o que fazem ou o que são as pessoas” (RICOUER, 2014, p. 09). Não se pode dizer que as pessoas são também corpos de forma a torná-lo um acessório na análise. Desta forma, não é possível considerar a pessoa como uma consciência pura que recebe o acréscimo de um corpo (dualismo). A identidade, a partir da prioridade do corpo, é uma condição que é resultado do que se é no e como corpo. Convém alertar para o perigo de comparação do corpo com os demais corpos materiais. O corpo é uma condição material diante dos corpos materiais. Assim como se pensa os corpos

materiais dando-lhes esquemas e noções de forma a excluir as possibilidades subjetivas, pensa-se ser possível aplicar a mesma metodologia ao corpo. Entretanto, o corpo é reflexivo e espaço hermenêutico. Não é possível uma análise dualista sem alienar a própria pessoa de sua essencialidade básica.

A segunda condição encontra-se em Paul Ricoeur deparar-se com uma dialética e não com uma dicotomia ao tratar do sujeito em sua relação corpo/identidade. Ao estabelecer o significado sobre “o si-mesmo como outro”, ele aponta para essa dialética: “O *si-mesmo como outro* sugere logo de saída que a ipseidade do si-mesmo implica a alteridade num grau tão íntimo que uma não pode ser pensada sem a outra, uma passa dentro da outra...” (RICOUER, 2014, p. XIV-XV). Corporeidade, pessoalidade e identidade assumem mais do que condições dialógicas. Elas são parte da própria essencialidade do sujeito e do vir-a-ser de suas reflexões sobre si mesmo. Portanto, não existe negação, mas afirmação e relação. Ricoeur, ao afirmar “o si-mesmo como outro”, coloca a existência de uma identidade como entidade autônoma em contradição com a própria reflexividade que é construída. Se a identidade é uma entidade, logo o corpo é outra coisa: é olhar de um outro para um outro. Se a identidade é a construção do “si-mesmo como outro”, tem-se um olhar do si-mesmo para o outro que é o próprio si-mesmo.

E, finalmente, a condição de compreender a mediação do caráter de forma a fazer coincidir o *idem* (mesmidade) e o *ipse* (ipseidade). Por caráter, Paul Ricoeur (2014, p. 121) define como “o conjunto das disposições duráveis pelas quais se reconhece uma pessoa”. Desse modo, o corpo deve ser compreendido como uma questão ética que requer alteridade para se afirmar como agente de solidariedade (intersubjetividade): “Apreende-se, então, a identificação de uma outra pessoalidade que age corporalmente no mundo, cooperando com a constituição de uma comunidade de indivíduos inclinado a estar sempre observando e avaliando valores éticos” (OLIVEIRA, 2012, p. 116). Uma corporeidade que se afirma como resultado da dialética entre corpo/identidade não pode comprometer os vínculos do indivíduo com a comunidade. A prática da ética é ação corporal, ou seja, da própria pessoalidade/identidade. Corporeidade, pessoalidade e identidade são condições do

indivíduo/sujeito em sua relação com o outro numa dinâmica de diálogo de forma a construir uma perspectiva solidária. Diz respeito também a fidelização como elemento dialeticamente constituído eticamente pelo sujeito e elemento que caracteriza e constitui o sujeito ético. A participação solidária que envolve aceitação não significa nenhuma prisão ou perda de liberdade. Ela é uma condição da participação da pessoa no nível de consolidação de sua reflexão/ação na prática da alteridade. E, finalmente, diz respeito a temporalidade e a intersubjetividade que a pessoa estabelece uma dialética capaz de neutralizar a construção da identidade como entidade – possibilidade de autonomia antológica, fenomenológica e ética.

Se é pensado o indivíduo como “o si-mesmo como outro”, logo ele é alguém que reflete sobre si mesmo e, por isso, reflete a respeito do outro. Amar o outro como a si mesmo não indica que ama primeiro a si ou porque ama a si, mas porque a ética tem sua origem na reflexão de si. Parece até estranho, dentro dessa abordagem, o amor a si mesmo, pois a alteridade é sempre uma condição diante do outro. Como o si-mesmo é um outro, toda a realidade humana é espaço de ação ética: amar a si como se ama o outro e ao outro como ama a si mesmo. Não se deve esquecer que na questão da temporalidade, a condição de realidade de finitude, a mesmidade e a ipseidade responde à questão de presencialidade e futuralidade humana. Uma concepção dualista não abarca tal condição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo tem sido um espaço em constante combate: definições e redefinições; usos e abusos; afirmações e negações; espoliações e comercializações. Diante dessa realidade, o retorno da noção platônica do corpo, semelhante ao empregado na Idade Medieval, começa tomar forma de senso comum. Para contrapor essa tendência, o presente estudo tomou como referencial teórico o pensamento de Paul Ricouer e sua tentativa de explicar a pessoalidade como uma identidade do si-mesmo como outro. Essa identidade, através dos polos da *idem* e da *ipseidade* – caráter = hábito/identidades adquiridas=fidelização, torna-se fundamento para se superar a noção de identidade/entidade cuja vertente se encontra no dualismo platônico.

As superações ao dualismo platônico que se pode concluir da pesquisa remetem a condições que se deve assumir, conforme se percebe no pensamento de Paul Ricoeur. Elas lidam com a priorização do corpo (e não sua negação), a dialética entre corpo e identidade (e não um dualismo) e da compreensão da mediação do caráter para a construção da intersubjetividade (corporeidade). Para além do reducionismo do dualismo, que necessita da alienação do corpo e da anulação da complexidade da personalidade humana, a compreensão da pessoa como o si-mesmo como outro estabelece os parâmetros para a presencialidade e a futuralidade do sujeito.

A questão de gênero, mudança no corpo e de identidade e a própria condição de ser pessoa diante de si e do outro em meio as fragmentações no processo de socialização e mundialização não comporta uma compreensão da pessoa como fragmentada e alienada em si. Sem superar o dualismo, a pessoa é colocada em conflito com ela mesma e com suas aquisições. O reconhecimento do si-mesmo torna-se negação: de si, do si-mesmo e do outro. Num contexto de dualismo, assumir uma identidade é negação da própria personalidade. Necessário se faz que a pessoa humana seja a expressão da potencialidade dialética de sua constituição em nível de intersubjetividade. Nesse quesito, Paul Ricoeur estabelece as condições para que se possa gerar uma formação de reconhecimento e aceitação de si-mesmo como outro sem negação ou fragmentação da própria constituição humana. Conseqüentemente, o discurso que afirme qualquer necessidade de mudança do corpo para o prevalecimento de determinada identidade não passará de uma busca estética.

A pesquisa, ao tomar Paul Ricoeur como referencial para pensar a relação corpo e identidade, não quer se limitar as considerações pontuadas. Outros questionamentos serão a base para um posterior aprofundamento dessa temática e do pensar a existência humana no contexto da experiência da corporeidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, Bernadette Siqueira (Org.). **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BINGELMER, Maria Clara Lucchetti. **Paul Ricoeur**. Disponível em: <<http://www.voltairenet.org/article125537.html>>. Acesso em: 28 de mai. 2016.
- BOTTON, João B. **As fontes do si-mesmo na hermenêutica de Ricoeur**. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6422/6008>>. Acesso em: 29 de mai. 2016.
- CORÁ, Elsio José. **Reconhecimento, intersubjetividade e vida ética: o encontro com a filosofia de Paul Ricoeur**. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3409/1/000426931-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 28 de mai. 2016.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- OLIVEIRA, Josiana Hadlich de. **O ser-no-mundo e seu agir: corporeidade e personalidade em Merleau-Ponty e Ricoeur**. Disponível em: <<http://www.principios.cchla.ufrn.br/arquivos/31P-99-118.pdf>>. Acesso em: 28 de mai. 2016.
- RICOUER, Paulo. **Tempo e narrativa – tomo III**. Campinas/SP: Papyrus, 1997.
- _____. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2014.
- RUGGERI, Sabrina. **A oncologia do agir de Paul Ricoeur: alteridade e pluralidade**. Disponível em: <<http://www.inquietude.xanta.org/index.php/revista/article/view/238/217>>. Acesso em: 17 de jun. 2016.
- SAFATLE, Vladimir. **Teoria da solidão impossível**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2905200515.htm>>. Acesso em: 28 de mai. 2016.
- STORMS, Sam. **A vida de Martinho Lutero**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/biografias/lutero_storms.htm>. Acesso em: 17 de jun. 2016.



Para citar este trabalho:

GUIMARÃES, José Antônio Lucas. A IDENTIDADE COMO ENTIDADE E O RETORNO DO PLATONISMO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR. Revista Paidéi@. Unimes Virtual. Outubro/2016. Disponível em:

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=index>